

TERRITÓRIOS MÚLTIPLOS DE APRENDIZAGEM: A LIGAÇÃO RIZOMÁTICA ENTRE A MATEMÁTICA E A LÍNGUA PORTUGUESA ATRAVÉS DA LEITURA

Misleine Andrade Ferreira Peel (UFT)

misandrade22@gmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@yahoo.com.br

RESUMO

Acreditamos que a 'leitura' seja, de fato, um 'território'; considerando, para tanto, o conceito de 'território' concebido pelo filósofo francês Gilles Deleuze. Para ele, todo 'território' é espaço múltiplo, caracterizado por hábitos, ritmos e costumes; a partir daí, entendendo que a 'leitura' tem um poder de agenciar as mais diversas disciplinas escolares. Evidenciamos, neste trabalho, o encontro profícuo que a 'leitura' pode promover entre a Matemática e a Língua Portuguesa, estabelecendo uma relação rizomática e múltipla. Assim, pensamos no processo de ensino e de aprendizagem da Matemática, fazendo relação direta com a Língua Portuguesa; entendendo a importância da Língua Portuguesa na vivência social e escolar. Muitas vezes, pela forma da fragmentação do ensino, os alunos sentem que existe um distanciamento entre as disciplinas escolares, até mesmo uma rivalidade entre algumas delas, o que apresentamos é exatamente o contrário, pois é através da língua materna que aprendemos e ensinamos a Matemática e consequentemente, as outras disciplinas escolares. A comunicação faz parte do ensino e da aprendizagem de qualquer disciplina ou matéria; percebemos, então, que a todas as disciplinas são linguagens que precisam ser lidas, entendidas, apreendidas, explicadas e exercitadas, tendo sentido real na vida dos estudantes. Dessa forma, apreendemos que a escola deve promover encontros que aumentem a potência de agir e de existir dos sujeitos, visando a sua formação holística. Essas questões fizeram parte da nossa pesquisa para a construção da dissertação no mestrado em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais da Universidade Federal do Tocantins. A metodologia que utilizamos é de pesquisa qualitativa, bibliográfica, filosófica e cartográfica.

Palavras-chave:

Aprendizagem. Ensino de Língua Portuguesa.
Ensino de Matemática. Multiplicidade. Território.

1. Introdução

Aprendemos por agenciamentos, aprendemos por encontros; por meio de encontros com as coisas, com as palavras, com a língua, com a literatura, com a aritmética, com a geometria, com a álgebra, com o outro, consigo, com o meio ambiente, com os signos; enfim, sempre aprendemos por

encontros e por agenciamentos.

Entendemos que a escola deve promover encontros que fortaleçam a potência de agir e de existir de cada ser. Percebemos, realmente, a força dos encontros, e, por isso, exploraremos o encontro da Língua Portuguesa com a Matemática – encontro agenciado pela leitura, uma leitura interdisciplinar e transdisciplinar.

Em nosso trabalho chamamos de leitura transdisciplinar, ou interdisciplinar, uma leitura ampla do mundo e das vivências cotidianas; associando ao conceito transdisciplinar, o conceito de multiplicidade deleuziana. Hoje, as pessoas se manifestam e leem o mundo com lentes, particularmente, limitadas; por isso, damos importância à leitura, e a uma leitura transdisciplinar, que ultrapasse a fragmentação disciplinar escolar e, também, a uma fragmentação elitizada e equivocada das questões sociais, políticas e econômicas de nosso país.

Três porções da vida são responsáveis pelas verdadeiras deiscências cognitivas: os agenciamentos, as experimentações e os devires. Os agenciamentos são os caminhos pelos quais passamos quando aprendemos; as experimentações são as bases da imanência; e os devires, por sua vez; compõem o conjunto de expectativas e de imaginações, ou seja, de coleções de ideias.

Deiscência significa abertura, e, com certeza, só haverá abertura cognitiva se possibilitarmos aos alunos encontros, que possibilitem, por sua vez, expectativas e experimentações. E não falamos sobre quaisquer encontros, quaisquer expectativas e quaisquer experimentações, mas daqueles agenciamentos interdisciplinares, que são capazes de criar horizontalidades verdadeiramente profícuas.

Procuramos demonstrar que a interdisciplinaridade (multiplicidade) é busca de expansão territorial, promovendo encontros valiosos e necessários, com proficuidade afetivo-cognitiva, ou seja, com deiscências ou aberturas afetivas e cognitivas. Assim, pretendemos mostrar que a leitura pode ser um território que abrange várias disciplinas, das quais iremos evidenciar a Língua Portuguesa e a Matemática, trazendo para a discussão o conceito de território do filósofo francês Gilles Deleuze.

Procuramos, destarte, aventar como utilizar o conceito de território em suas ressignificações, associando-as ao conceito de interdisciplinaridade, e percebendo a leitura como rizoma entre a Língua Portuguesa e a Matemá-

tica, além de estabelecer rizomas com todas as outras disciplinas ou formas de conhecimento.

Múltiplos são os instrumentos para a realização plena desta cidadania ativa: a “alfabetização” relativamente aos dois sistemas básicos de representação da realidade – a língua materna e a matemática, condição de possibilidade do conhecimento em todas as áreas; a participação do processo político, incluindo-se o direito de votar e ser votado; a participação da vida econômica, incluindo-se o desempenho de uma atividade produtiva e o pagamento de impostos; e, naturalmente, o conhecimento de todos os direitos a que todo ser humano faz jus pelo simples fato de estar vivo. (MACHADO, 1996, p. 9-10)

A educação atual está fundamentada na teoria cartesiana, com a fragmentação das teorias, das práticas e dos procedimentos metodológicos e epistemológicos; criando, dessa forma, alunos incapazes de perceber o todo, sujeitos inseguros para lidar com a vida. Nossa intenção, em função dessa carência, é buscar e propor o trabalho interdisciplinar, para que cada disciplina não ocupe uma gavetinha separada da outra, que o aprendiz abra na aula respectiva e feche, quando mudar de matéria ou disciplina. A Base Nacional Curricular Comum percebe este fato ao propor:

A superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. (BNCC, 2017, p. 15)

O conhecimento não pode ser visto, ensinado ou aprendido de forma fragmentada, devemos experimentar de forma vívida o saber e, como estamos defendendo aqui, ele acontece na imanência dos encontros, na pluralidade, sendo necessária uma ação ativa no processo de aprendizagem, é importante o comprometimento pessoal com o saber.

Conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com a sua produção. Nesse sentido, o conhecimento ou, mais especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. (PASSOS; ALVAREZ, 2009, p. 131)

Acreditamos que a leitura possa promover engajamentos, encontros significativos entre diversas áreas do conhecimento, mas, em nosso trabalho, vamos pensar no encontro e nos agenciamentos necessários entre a Língua Portuguesa e a Matemática.

Com efeito, os modos de organização, de descrição, de apreciação e de análise do mundo adotados em grande parte das situações que vivenciamos

são marcados pelos processos e pelos recursos de quantificação, de ordenação, de medição e de organização dos espaços e das formas que os grupos sociais desenvolvem. Assim, a compreensão dos textos que lemos e a eficiência dos textos que escrevemos dependem também dos conhecimentos que vamos desenvolvendo sobre os processos, os recursos, as representações e os critérios adotados para quantificar e operar com quantidades, para medir e ordenar, para orientar-se no espaço e organizá-lo, para apreciar, classificar, combinar e utilizar as formas. Esse processo ocorre porque os textos refletem a maneira como aqueles que os escrevem se relacionam com o mundo, um modo decisivamente marcado por esses processos, recursos, representações e critérios que se relacionam ao que chamamos de “Matemática”. (BRASIL, 2014, p. 29)

A leitura está ligada intrinsecamente ao aprendizado de Matemática, sendo uma dentre as competências requeridas, estimuladas e ensinadas no processo de escolarização, mas existem vários tipos de leituras, e estas leituras, compreendidas em suas multiplicidades não são objetos de ensino exclusivo da escola. Pietri ainda diz que:

A leitura é uma prática social escolarizada, isto é, numa sociedade como a nossa, as pessoas consideram que uma das funções da instituição escolar é ensinar a ler. Porém, a leitura não é uma prática escolar: uma pessoa pode aprender a ler sem ter ido à escola, ou, mesmo que tenha aprendido a ler na escola, pode desenvolver habilidades de leitura diferentes daquelas que a escola lhe apresentou, e ler textos pertencente a gêneros com os quais não teve contato em contexto escolar. (PIETRI, 2007, p. 11)

A leitura pode e deve estar presente no processo de aprendizagem da Matemática, existindo diversas formas para fomentar seu aprendizado; recomendamos propor aos alunos a leitura de textos com temas matemáticos, sendo estas algumas indicações: *O homem que calculava*, de Malba Tahan; uma coleção de Luiza Faraco Ramos, “Descoberta da Matemática”; e uma outra coleção de literatura juvenil, com o título “Vivendo a Matemática”, de vários autores brasileiros; além de revistas como *Ciências Hoje* e trechos da revista *Cálculo*. Todo este material está disponível nas bibliotecas das escolas públicas, pois foram materiais enviados pelos MEC. Mostrando que a Matemática pode fazer ligações com a literatura, com a literatura infantojuvenil, como dado nestes exemplos, acessíveis e interessantes. Como também sugerimos que os estudantes sejam estimulados a comporem um vocabulário de Matemática.

2. *A multiplicidade que envolve a Leitura, a Matemática e a Língua Portuguesa*

O ensino e a aprendizagem da Matemática muitas vezes foram vistos como dissociados da leitura e da escrita, como se não tivessem uma interdependência necessária. A Matemática é uma linguagem e, como uma linguagem, ela possui características próprias, e por isso precisa ser falada, ouvida, lida, entendida, compreendida e explicada.

Ler Matemática significa que você entende que existe um significado para ser apreendido, e, com essa apreensão, a postura do indivíduo muda, ele passa a ser sujeito, mobilizador dos conceitos, dominante de um saber e é isto que a leitura consciente e crítica faz.

Ler matemática significativamente é ter a consciência dirigida para o sentido e para o significado matemático do que está sendo lido. É compreender, interpretar e comunicar ideias matemáticas. É nesse ato de conhecimento que os atos de criticar e de transformar se fazem presentes, realizando o movimento da consciência direcionado para as coisas. Dessa forma, o leitor não é consumidor passivo de mensagens. Ele é um receptor de mensagens que tem a possibilidade de examinar criticamente aquilo que lê e, ao mesmo tempo, reelaborar o discurso lido no seu mundo-vida, abrindo novos caminhos e criando novas alternativas. (DANYLUK, 2015, p. 25)

Como podemos observar na citação acima, Danyluk nos diz que a leitura Matemática expande os horizontes, dando possibilidades de novos caminhos, novos traçados cartográficos; a autora continua falando que a leitura Matemática não é algo novo, mas inerente ao homem e que o ajuda no desenvolvimento holístico.

Então, em toda ação pedagógica que envolva a apreensão sgnica, existe realmente um trabalho com a linguagem – um esforço criativo e cheio de rizomas com outras áreas do saber (principalmente no universo contemporâneo da cultura e de seus liames cibernéticos). De fato, a apreensão dos signos numéricos e de alguns de seus sistemas leva à consideração ativa e conseqüente das características dos textos e dos contextos de ocorrência a que se pretende alcançar; e, ainda mais, leva à consideração não só objetiva e intencional, mas a subjetiva dos sistemas apreendidos e compreendidos.

Rui Miguel A. Marques escreveu sua dissertação de mestrado em 2008, pela Universidade de Lisboa, com o seguinte título: *Matemática e Língua Portuguesa: Laços para o sucesso?* Em seu trabalho dissertativo, o autor nos chama a atenção para a comunicação no processo de aprendiza-

gem da Matemática, especialmente no que se refere à comunicação escrita.

Marques (2008) infere que as representações das ideias Matemáticas no ambiente escolar podem ser feitas de várias formas, e que, ficar preso à forma convencional de representação matemática, pode se constituir numa das razões para as dificuldades de aprendizagem em Matemática.

Quando se faz Matemática, usa-se a Língua Materna, para comunicar essa Matemática. Se não se comunica o que se descobre, essa descoberta não é veiculada, não se torna conhecimento, nem fará parte do patrimônio cultural da humanidade. A sectarização da Matemática, alheia a estes pressupostos que a caracterizam – aspecto comunicacional e de ação humana –, torna o conhecimento artificializado e demasiadamente abstracto. (MARQUES, 2008, p. 3)

Por isso a relação da Matemática com a Língua Portuguesa tem que ser mais íntima na comunicação: “A Matemática tem uma relação estreita com a escrita. Dominar de forma compreensiva a simbologia matemática é facilitador do acesso ao sentido de número e conseqüentemente à literacia matemática” (MARQUES, 2008, p. 14).

Outra autora que trazemos para essa discussão é Anabela Mâncio Costa, que também escreveu sua dissertação de mestrado explorando a relação da Língua Portuguesa com a Matemática; o título de sua investigação é o seguinte: *A importância da Língua Portuguesa na aprendizagem da Matemática*. O trabalho da autora foi submetido à Universidade do Minho (Portugal), em 2007. Seu trabalho consiste em um estudo de caso, realizado com 8 crianças de uma turma do quarto ano do primeiro ciclo de Ensino Básico. Em sua pesquisa, a autora revela o que segue:

Torna-se imprescindível que todas as disciplinas proporcionem aprendizagens conducentes a uma expressão fluente, adequada aos contextos/situações, dotada de um vocabulário preciso, diversificado e de uma progressiva complexidade sintáctica. (COSTA, 2007, p. 8-9)

A autora, baseada em suas referências bibliográficas, afirma que a principal causa da dificuldade de compreensão, e também na escrita de textos, está no fato de os alunos não usarem muito a leitura; assim, defende a importância do uso de textos nos mais diversos contextos escolares, pois a vivência textual ativa e criativa ajudará os alunos na compreensão da Matemática.

A aplicação de tarefas que envolvem textos é fundamental na Matemática, porque estimula a aprendizagem, favorece o espírito crítico e cooperativo, e

promove a comunicação entre os alunos. O bom domínio de textos em língua portuguesa é, portanto, essencial no desenvolvimento e na aprendizagem da Matemática. (COSTA, 2007, p. 1)

A referida autora observou que os alunos são pouco estimulados a explicar, provar e expor o que pensam ou concebem nas aulas de Matemática; a autora entende que a comunicação se constitui num aspecto transversal da aprendizagem; portanto, discutir, ouvir, ler, representar e escrever fazem parte do processo de ensino, de aprendizagem e de utilização da Matemática.

A leitura constitui um processo interactivo entre o leitor e o texto. O leitor reconstrói o significado do texto por meio da leitura efectuada. Esta competência permite transformar a informação escrita em conhecimento e promove o desenvolvimento do imaginário, do espírito crítico e do pensamento divergente. (COSTA, 2007, p. 7)

Costa (2007) infere que muitos alunos fracassam ao resolver problemas matemáticos, porque possuem problemas na leitura, ou seja, na decodificação de textos, tais como a falta de um vocabulário diversificado ou a falta de entendimento sobre as relações entre as palavras, o que leva a autora a concluir que “quanto maior e melhor for o domínio da língua portuguesa, maior e melhor será o seu desempenho em Matemática” (COSTA, 2007, p. iii).

Assim, a autora defende que a comunicação deve fazer parte do processo de ensino da Matemática, especialmente na demonstração da aprendizagem, por entender que, se o aluno sabe comunicar bem determinado resultado matemático, isto indica sua compreensão e conseqüente aprendizagem, o que possibilita também, através da interação com o outro, a reflexão, a discussão, a correção, a consolidação e o aperfeiçoamento da ideia Matemática. Defendemos assim, que a língua deve estar intencionalmente presente em todos os contextos disciplinares escolares.

3. Matemática, uma linguagem que precisa ser lida

A Matemática não pode e nem deve ser estudada, em seu contexto escolar, de modo solitário, isolado e desarticulado das vivências cotidianas, dos sentidos e da interação com os outros componentes curriculares. Diante disso nos voltamos mais uma vez à BNCC, que também articula em seu documento normativo estas ideias:

A aprendizagem em Matemática no Ensino Fundamental – Anos Finais

também está intrinsecamente relacionada à apreensão de significados dos objetos matemáticos. Esses significados resultam das conexões que os alunos estabelecem entre os objetos e seu cotidiano, entre eles e os diferentes temas matemáticos e, por fim, entre eles e os demais componentes curriculares. Nessa fase, precisa ser destacada a importância da comunicação em linguagem matemática com o uso da linguagem simbólica, da representação e da argumentação. (BNCC, 2017, p. 296)

Muitos autores consideram a Matemática como uma linguagem, sendo que alguns chegam a defender que ela funciona como uma língua estrangeira, devido, especialmente, à polissemia da linguagem verbal. Assim o uso de dicionários no ensino de Matemática é defendido por Silveira, Meira e Silva (2014); e também por nós como “linhas de fuga” do processo de ensino e de aprendizagem.

A linguagem natural é polissêmica e não garante o rigor necessário das linguagens formais, como no caso das proposições matemáticas, daí que se recorre à linguagem formal para que o texto tenha sentido lógico. [...] A linguagem matemática é considerada uma língua estrangeira, pois é codificada. Quando buscamos os significados de palavras de uma língua estrangeira para a nossa língua materna, recorremos ao dicionário para traduzi-las. Essa busca também pode se dar quando queremos traduzir um texto em linguagem matemática para a linguagem natural. (SILVEIRA; MEIRA; SILVA, 2014, p. 391)

Fazendo referência ao trabalho de Ponte e Serrazina, Costa (2007), indica a relação da aprendizagem das ideias matemáticas por meio da língua natural, que, no nosso caso, é a língua portuguesa, como já dissemos:

Os alunos começam por pensar as ideias matemáticas por meio da língua natural. Aos poucos vão sendo integrados aspectos da linguagem matemática. Muitas vezes, os alunos apercebem-se que determinados termos são usados tanto por uma como por outra, com diferentes significados. É importante perceber que os alunos só poderão desenvolver a sua competência no uso da linguagem matemática a partir da linguagem natural. Este facto atesta a importância do processo de compreensão/interpretação de textos, expressões, palavras e/ou enunciados na língua materna como factor de sucesso na área de matemática. (COSTA, 2007, p. 29-30)

A preocupação principal deve ser a de que a linguagem matemática precisa realmente ser entendida, ser compreendida; tendo sentido real para o aprendiz, podendo trazer experimentações que se traduzirão como jogos que acrescentam memórias e expectativas. Para continuarmos a argumentação, trazemos mais dos autores acima citados:

A linguagem torna-se o veículo que mediatiza todas as relações significativas entre sujeito e objeto, possibilitando o entendimento mútuo sobre os

sentidos de todas as palavras usadas e sobre os significados das coisas em seus contextos e usos. Isso nos faz acreditar que no uso dos signos de uma língua está presente a dimensão pragmática da linguagem, isto é, o uso social que uma comunidade faz dessa linguagem, e, como tal, essa dimensão integra as dimensões semântica e sintática. (SILVEIRA; MEIRA; SILVA, 2014, p. 391)

Esses autores falam da filosofia de Wittgenstein, do desenvolvimento da ideia dos jogos de linguagem, em que o filósofo pondera que, ao fazermos uso da linguagem, a nossa ação está relacionada a várias práticas sociais. Wittgenstein valoriza a linguagem, entendendo-a como repertório de formas de vida; depois de ter escrito o seu primeiro tratado filosófico, formou-se professor e foi dar aulas para crianças, no interior da Áustria; e, com essa nova experiência, ele criou um novo tratado, do qual os autores dizem o que segue:

Para o filósofo, em sua segunda fase, a significação não é alcançada pela relação entre a palavra que designa e o objeto designado, resultado de uma suposta relação direta com a coisa nomeada, mas por pertencer ao sistema da língua, que tem suas regras próprias, cujo funcionamento não depende de uma consciência individual, limitada a expressar o pensamento. A linguagem é uma ferramenta pública, ordinária, do dia a dia, suas regras têm um caráter pragmático, não se restringem à forma lógica da proposição, aliás, não são suscetíveis de formalização, pois se prestam a um uso contextual. (SILVEIRA; MEIRA; SILVA, 2014, p. 392)

Entendemos a importância do pensamento múltiplo na educação, uma vez que nossa postura é baseada na forma como compreendemos o processo de ensino e de aprendizagem. A leitura é deveras importante na apreensão sógnica dos conceitos; e, sendo uma leitura interdisciplinar e/ou transdisciplinar, sua ação será potencializada e cheia de prazer.

4. Considerações finais: Inferências

Aprender a ler de forma consciente é o que aspiramos para a nossa sociedade. Queremos, ainda, destacar uma informação do relatório do Banco Mundial (2017), que declara o seguinte: se continuarmos a progredir lentamente, como apontam os resultados das últimas avaliações internacionais, poderemos levar 260 anos para o domínio da leitura. Reforçamos, assim, o outro lado, a leitura não pode ser ensinada e trabalhada somente nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todos os componentes curriculares da

escola; pois a leitura transforma:

A possibilidade de transformação do sujeito se realiza quando, após ler, ele modifica seus atos de pensar e de agir. A transformação do ser humano, após a leitura, é um lançar-se para novas compreensões. É refletindo sobre o lido e buscando novas leituras que o leitor, dirigido por sua interrogação e impulsionado por sua vontade de conhecer mais, pode participar de forma ativa, crítica e reflexiva do lugar onde vive. (DANYLUK, 2015, p. 24)

Acreditamos que a leitura transdisciplinar favoreça, de forma positiva, a formação holística dos sujeitos, dando-lhes potência de agir; defendemos que os sujeitos devem ter posse das liberdades substantivas, defendidas pelo economista Amartya Sen (2010). E, somente com o acesso a essas liberdades, é que teremos poder de ação política, social e econômica.

Cabe ao professor sempre estar atento às necessidades educacionais dos alunos, e para isso buscar sempre um papel ativo no processo de ensino, esquadrinhando as causas e as consequências da aprendizagem, e sempre procurando, no caso da Matemática, mostrar que ela é uma construção histórica, mas também viva e presente nos mais diversos aspectos naturais, sociais, culturais, econômicos e políticos; mostrando ao aluno que ele também deve exercer um papel ativo na construção do conhecimento, sendo um cidadão que deve ser livre para viver em plenitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO MUNDIAL. *O banco mundial adverte a respeito da “crise da aprendizagem” na educação global*. De 26 de setembro de 2017. Disponível em: <http://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2017/09/26/world-bank-warns-of-learning-crisis-in-global-education> Acesso em: 16 abr. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Apresentação* / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2014.

COSTA, A. M. *A importância da língua portuguesa na aprendizagem da matemática*. Dissertação de mestrado. Universidade do Minho, 2007. Disponível em: repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7258. Acesso em 27 jul. 2018.

DANYLUK, O. S. *Alfabetização matemática: as primeiras manifestações da escrita infantil* [recurso eletrônico] 3,134 Kb ; PDF. 5. ed. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2015.

MACHADO, N. J. *Anotações para a Elaboração de uma Ideia de Cidadania*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. 1996. Disponível em: www.iea.usp.br/publicacoes/textos/machadoideia_decidancia.pdf/at_download/file. Acesso em 23 jul. 2018.

MARQUES, R. M. A. *Matemática e Língua Portuguesa: Laços para o Sucesso?* Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação, 2008. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1284/1/19223_ulfc091313_tm_rui_marques.pdf. Acesso em: 5 jun. 2018.

PASSOS, E.; ALVAREZ, J. *Cartografar é habitar um território existencial*. In: PASSOS, E. ; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-49.

PIETRI, Émerson de. *Práticas de leitura e elementos para a atuação docente*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. Trad. de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVEIRA, M. R. A.; MEIRA, J. L.; SILVA, P. V. *Os dicionários de Wittgenstein e de Baruk: o significado linguístico no ensino e no aprendizado da matemática*. Educação (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 3, p. 390-9, set.-dez. 2014.